

Director literario:

Arquibaldo
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Edwardo
 PAPUSSE

Dom Basbaque Pasmaceira



Dom Basbaque Pasmaceira
 Não podia ver donzela
 Que, duma certa maneira,
 Não olhasse para ela.



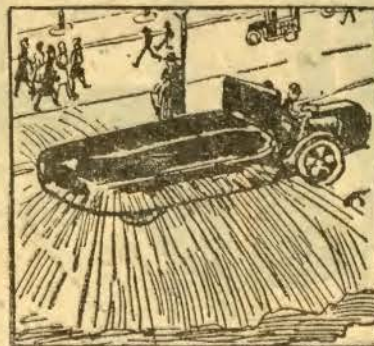
Se era um palmito do rosto
 Tentador e bem à moda,
 Pasmava, com tanto gosto,
 Que nada mais via em roça!



No Rossio embasbacado
 Dom Basbaque todo triques,
 Estava um dia, parado,
 A ver passar mulheres «chics».



Nisto surge um lindo rancho
 De raparigas de trús...
 E eis Bom Basbaque mais ancho
 Do que os mais anchos perús.



Entanto, do lado oposto,
 Avançando quási às cegas
 E a badalar que era um gosto,
 Eis surge o carro das regas.



Então, de absorto e tão sério,
 Nisto o Dom Basbaque, extático,
 Devido a estar tão aéreo,
 Súbito torna-se aquático!

A TRISTE FEIA

POR JOAO DA SELVA

DESENHO DE EDUARDO MALTA

(Continuação do número anterior)



TALVEZ alguém que me roubou também o meu noivo; mas não sei com que feitiços e por isso não posso acusá-la e sófro em seu logar, — respondeu a Triste Feia, e, qualquer coisa no timbre da sua voz impressionou o rei; mas o que dissera a mendiga parecera-lhe tão absurdo, que continuou a julgá-la doida varrida.

Despediu-a com uma boa estola e recolheu ao palácio na companhia da rainha.

Esta, que era muito caridosa, é que não pôde soegar enquanto não interrogou novamente a Triste Feia. Aquela pobreza e fealdade extremas, impressionavam-na a ela, a mais linda e a mais rica mulher daquele país, e, embora lhe parecesse absurda a história duma princesa nova e bonita transformada em três anos naquele monstro, sentia que qualquer coisa havia de verdade nas palavras da mendiga.

Na manhã seguinte, muito cedo, quando o marido ainda dormia, a rainha mandou chamar ao palácio a Triste Feia e disse-lhe:

— Há no meu reino, ao centro duma bela floresta, um lago que chamam Lago Azul, onde eu encontrei a minha felicidade. Se no mundo existe remédio para a tua desgraça deves achá-lo ali. Vai e na volta conta-me o que te suceder.

A Triste Feia, depois de muito agradecer à sua protectora, partiu para o Lago Azul acompanhada por uma velha criada do Paço, sua aia antiga e que agora, nem por sombras, a reconhecia.

Quando chegou à beira da água, era quasi noite, uma linda noite de verão. Ceou, de companhia com a boa velhinha o que traziam no farnel, e, cansada com a viagem, adormeceu imediatamente.

Sonhou então que se achava no palácio do noivo, deitada na cama, exactamente como na véspera do casamento. Nisto, uma grande aranha trepa pelos cortinados, e põe-se a tecer por cima dela uma teia fria e viscosa. Quer levantar-se, gritar, os fios da rede, como se fossem cordas, prendem-lhe os movimentos, apertam-lhe a garganta, e o bicho horrível continúa a babá-la com a sua baba peçonhenta.

Por fim a aranha transforma-se na princesa velha, da máscara de cera, que lhe diz numa risada de troça:

— Anda, levanta-te agora e vai ver como estás!

Tal como na manhã da sua desgraça, a Triste Feia corre para se mirar e, em vez do espelho do toucador, encontra, já acordada, a superfície lisa do lago que lhe mostra a sua fealdade monstruosa, à luz pálida da manhã que vem nascendo!

Para refrescar a febre causada pelo medonho pesadelo, a princesa banha-se então naquelas águas e, qual não é o seu espanto e alegria, ao recuperar a sua antiga formosura! Os cabelos, tendo-lhe nascido por encanto, vestem-na agora num manto de ouro que encobre a pobreza do seu vestido de mendiga.

A criada ao acordar reconhece a sua querida menina doutro tempo e, ambas contentíssimas, regressam ao palácio, onde o irmão surpreendido, a festeja com o maior carinho. Havia muito que a supunha morta, desde que não tivera dela noticias, nem regressara a comitiva depois de a acompanhar à corte do seu noivo. Só depois se soube que os fidalgos dessa comitiva, receando castigo se voltassem sem a princesa, tão misteriosamente desaparecida, tinham emigrado para muito longe.

Agora tudo se esclarecia, mesmo a feitiçaria de que fora vítima, se aciso o seu sonho, nas margens do Lago Azul, reproduzisse uma scena passada na sua vida, como ela ce-



gamente acreditava. Mas como culpar a bruxa sómente por indicação desse sonho? Como convencer o rei, que estivera para ser o seu sógro, da culpabilidade da velha feitiçeira que lhe roubara o noivo e a transformara em Triste Feia?

Era nisto que pensava incessantemente a princezinha, agora feliz e animada, por seu irmão e sua cunhada Alegria-Linda. O regresso da sua mocidade, da sua beleza e es-

mimos de que se via novamente rodeada, não lhe faziam esquecer os tormentos da Triste Feia, nem renunciar à felicidade do seu casamento com um príncipe belo e ilustre.

Sem ser vingativa, achava que não devia ficar sem castigo a traição negra da sua rival, tanto mais quanto sentia dever ser pouco feliz o noivo, ligado a uma mulher feia e velha.

Tanto pensou nisto dia e noite, que encontrou um plano plenamente aprovado por seu irmão e cunhada.

Despediu-se d'elles e, tendo reunido em sua volta os fidalgos e damas do seu séquito, emigrados para país distante, partiu em sua companhia para o reino do seu noivo, tal como fizera da primeira vez. Ao apresentar-se na corte, foi grande o espanto de todos ao verem reaparecer a noiva, do príncipe, mas foi maior ainda o sobressalto da sua criminosa rival.

Desconfiou que tivessem descoberto o seu crime e tremeu com medo do castigo; mas a visitante, tratando-a com muita amabilidade e confiança, mostrou nada saber sobre a origem da doença que lhe destruíra a beleza a ponto de ninguém a reconhecer e expulsaram-na por impostora.

Contou, com toda a naturalidade, como, pouco a pouco, as manchas lhe desapareceram e lhe nasceu o cabelo, até voltar a ser a mesma. Ora, num bilhete que escreveu secretamente ao príncipe, pediu-lhe o favor de vigiar nessa noite a sua mulher, sem que ela o presentisse.

O marido assim fez e, pondo-se de sentinela à porta do quarto, detrás dum reposteiro, viu a velha sair surrateiramente e dirigir-se pelo corredor em direcção dos aposentos da sua antiga noiva.

Quando dava a meia noite e ela chegava à porta deste quarto, notou, com grande espanto, que a impostora da máscara de cêra, se transformava numa grande aranha e se introduzia pela grêta.

Com o maior cuidado, para não fazer barulho, o príncipe abriu a porta somente o bastante para seguir o nojento bicharoco e, escondido pela tapessaria, espreitou.

Uma lâmpada, pendurada no teto, alumiaava muito va-

gamente a cama, mas via-se nela, o vulto adormecido da princesa.

A aranha trepou pela borda do cortinado e começou a tecer sobre o rosto da sua vítima uma teia, que a fraca iluminação não tornava visível, mas que os movimentos envolventes do tepugnante animal, deixavam adivinhar.

Horrorizado com o que presenciava, e desvendando, finalmente, o mistério, até então inexplicado, da desgraça sucedida à sua noiva preferida, o príncipe, quiz avançar para defendê-la, mas o feitiço imobilizava-o e tirava-lhe a voz para gritar.

Uma risada alegre, retinindo a seu lado, quebrou o encanto, e a princesa saiu detrás de um reposteiro que a encobria.

A aranha, voltando à sua forma antiga, e nem por isso menos feia, ia a atirar-se, furiosa, à sua vítima doutro tempo, mas o marido não lho consentiu e ali a obrigou a confessar-lhe tudo. Por sua vez, a princezinha explicou a trapaça com que tinha logrado a sua inimiga.

Seguindo o exemplo das suas rivais, arranjava uma linda cabeleira de caracóis doirados, uma máscara de cêra, e, com o auxílio de um travesseiro, simulára, na cama, a sua própria figura.

O crime da feiticeira, provava-se ali à evidência com os estragos que a baba venenosa causara nestes inofensivos artificios; os cabelos loiros, desfaziam-se em pó, e a cêra da máscara apresentava as mesmas manchas de aspecto leproso que, da outra vez desfiguraram a pobre princesa.

O castigo da feiticeira foi o fogo, como era costume naqueles tempos bárbaros, mas justos, e a compensação da sacrificada, o casamento com o príncipe, encantado com a beleza da noiva, única mulher na qual não encontrava defeito algum.

E aqui está, como Alegre-a-Linda socorreu a Triste Feia, ajudando-a a recuperar a sua formosura e alegria.

Quando dali em diante as duas cunhadas se reuniam, ninguém poderia decidir qual delas era mais alegre e mais linda, ou mais linda e alegre.

F I M

PARA OS MENINOS COLORIREM



BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM!

É POSTO À VENDA AINDA ESTA SEMANA O VIII VOLUME

BÉBÉS DE BIBE E BABETTE por GRACIETTE BRANCO



A MOIRA E O CÍSNE

POR PEDRO DE MENEZES

Desenhos de Eduardo Malta



A se viam as mãos brancas da lua apoiando-se no alto da montanha, para subir ao cimo e dali levantar vôo pelo espaço, quando alguém, saltitando, saiu a porta principal do palácio com uma candeia na mão, tomou o caminho que ladeava o outeiro e desapareceu ao longe. Aquelas horas, noite velha já, quem seria que assim atravessava esse caminho tão cheio de lendas? As janelas do palácio estavam iluminadas. O som harmonioso

duma harpa se ouvia. Quem aquelas horas ainda acordaria nas doiradas cordas duma harpa, uma dolente e inquieta música, que mais parecia uma oração? Do pinhal fronteiro respondia uma flauta. No cimo do outeiro ficava o palácio. Das suas janelas admirava-se um esplêndido pavorama e tão belo que a paisagem parecia que nunca mais tinha fim, indo lentamente perder-se na distância.

Ainda se não abria a janela do sul. E' que todas as noites se abria lentamente, aparecia nela uma cabeça de mulher que, ao debruçar-se, deixava pender longas e lindas tranças. Depois fechava-se de novo a janela e a luz que iluminava as vidraças desaparecia. Era um palácio árabe, cercado de jardins e de mistérios, desconhecido de quasi todos os vizinhos, habitado por velhos moços que confundiam de noite os turbantes com o luar, que de dia se ocultavam aos olhos de todos, e que diziam viver do mais estranho modo. Pelo que se dizia, além dos árabes que de noite andavam pelo parque e pelos jardins do palácio, ali se encontrava também uma encantada moira, nova, esguia, branca e leve,

cujos passos se não ouíam, tão breve era o poisar dos seus sapatos nas alamedas enormes. Não envelhecia. Estava sempre na mesma idade, como se, súbitamente, à sua volta o tempo tivesse parado. Era ela a mulher que todas as noites abria a janela do sul, se debruçava e deixava pender as tranças do seu cabelo negro e lúcido como a asa dum corvo. Os olhos tinham o brilho adorável dos brilhantes. De longe tinham vindo guerreiros, príncipes, ricos fidalgos para a ver e para a levarem e todos desapareciam duma maneira misteriosa no caminho que ladeava o outeiro...

Nessa noite a harpa tinha já emudecido. Do pinhal fron-





e de cujas caricias saíram os sons dolentes duma intransigente música. Respira-se o perfume de quem abriu a enigmática janela do sul. Uma candeia linda, espalha ao seu redor uma luz indecisa e vacilante. Um gnomo de barba comprida e branca, salta assustado em frente do cavaleiro, que lhe diz:

—Conduze-me junto de teu amo.

O gnomo sumiu-se. Abriu-se uma porta e um velho entrou, dizendo:

—Como fardaste! Porque tanta demora no teu regresso?

—Trouxe comigo a roca e o fuso mágicos da fiandeira do Oriente, que só sabia fiar fios de luar e com êle tecia os mais lindos vestidos da Moirama. Quiz oferecer-lha. Procurei-a antes de a conseguir alcançar, por toda a parte do mundo. Onde está ela? Tem falado em mim? Quero vê-la, porque endoideço de saudade!

O velho saiu voltando pouco depois com a filha, a mes-



teiro saía ainda o suave som da flauta pastoril, que se calou por fim. A lua voava já sobre a paisagem.

Amanhecera. Moçoilas ceifavam trigo, ao largo, cantando. As enxadas dos trabalhadores do campo conversavam umas com as outras ao cortarem a superfície da terra. No jardim, de flor em flor, de trevo em trevo, uma borboleta esvoaçava. Tomava a cor da flor mais próxima, da árvore em que ia descansar. As horas, caindo uma a uma misturadas com a areia sonolenta de uma alongada ampulheta de bronze que estava sobre o muro do jardim, eram como lágrimas de olhos invisíveis que, ao tombarem no chão, se desfaziam, desaparecendo em seguida. Ouvia-se o ruído de passos nas alamedas do parque. Todos os olhos dos que perto passavam, iam procurando quem o produzia. Ninguém. O parque estava completamente só...

Noite completa. Profunda escuridão. Subia a estrada que ladeava o outeiro, a mesma pessoa, saltitando sempre, com a mesma candeia acesa, que, na noite anterior tinha saído do palácio e nele voltava agora a entrar. O mesmo som da harpa. A mesma flauta ao longe. O mesmo perfil de mulher a adivinhar-se na janela do sul.

Subito chega um cavaleiro. Entra no palácio. Atapetada escadaria o conduz a um salão grande e luxuoso, num canto do qual se vê uma harpa. E' de ouro. Ainda nas cordas há uma leve saudade dos dedos que brandamente as sacudiram

ma mulher que abria todas as noites a janela ao sul do palácio misterioso. Era um deslumbramento. Trazia os olhos húmidos de lágrimas. Um rubim era uma nódoa de sangue num dos dedos da sua mão direita alongada e branca. Um cisne negro seguí-a como um cão.

—Senhora, — disse ajoelhando para lhe beijar a mão, o cavaleiro que chegara momentos antes, — venho de novo para conquistar pelo menos a vossa simpatia, já que não tenho conseguido alcançar o vosso coração.

Falou ela depois. A sua voz era como o som da melodiosa harpa. Disse-lhe assim:

—Para que insistis? O meu coração já me não pertence. Dei-o. A minha simpatia só pode pertencer também a quem possua o meu pobre coração.

O pai interrompeu-a:

—Filha, vê bem o que dizes. Ou casas com este cavaleiro, que tem corrido mundo por teu amor, que tem sofrido muito para te adorar, ou nunca mais me chamarás teu pai, nem mais viverás junto de mim.

—Se essa é vossa definitiva resolução, pai, partirei esta mesma noite.

Ouvia-se, súbito, uma voz. Era o cisne negro que falava; — Porque se não acerca o cavaleiro do meu lago? Se êle pudesse mergulhar os dedos na água tranquila desse lago, a minha ama casaria com êle.

O cavaleiro irritou-se. Bradou:

—Não quero, cisne, não quero! Não tenho que te obedecer. Costumo lavar os meus dedos com água que cântaras de prata vão buscar à fonte mais bela dos meus domínios.

O velho disse, então, para a filha:

—Que decides, filha?

—Aceito as condições que impoz o meu cisne—respondeu. — Que mergulhe os dedos no lago da noite o homem que pretenda ser meu marido e eu casarei com êle.

O cavaleiro estremeceu. O pai falou-lhe então!

—Parece fácil a prova, cavaleiro. Porque a recusas? Se amas efectivamente a minha filha, debes obedecer-lhe hoje,

como mais tarde ela te obedecerá. Vai. Faze o que ela te ensinou e volta depois para ta entregar.

O cavaleiro saiu e voltou, passados momentos, com os dedos húmidos de água.

—Eis-me de volta! Venho buscar a minha noiva. Fiz o que de mim exigiu. Pertence-me.

Falou de novo o cisne:

—Enganas-te, cavaleiro. Tu humedeces-te os dedos na fonte do palácio que corre perto da alameda das olaias, mas o que de ti exigiram foi que mergulhasses os dedos no lago da noite, que bem sabes onde fica e sobre cujas águas eu costumado adormeço às vezes.

O cavaleiro tornou-se horrivelmente pálido.

Dirigiu-se com ar ameaçador para o cisne, que se afastou esvoaçando. O velho, admirado, indignado com a mentira do cavaleiro, apontou-lhe a porta:

—Mentiste! Vai! Que te não veja mais até ao dia em que consigas fazer o que te disse o meu cisne! Tens medo? E's um cobarde! Não é a um homem desses que entregarei a minha filha.

—Voltarei um dia—rugiu o cavaleiro.

—Quando fizeres o que te ordenaram, sim; enquanto tal não conseguires, não!

O cavaleiro, partiu. O velho beijou a filha e saiu da sala. A linda moira encantada, deixou-se ficar tangendo, com uma das mãos a harpa de ouro, enquanto com a outra afagava o cisne amigo.

Súbito ficou-se queda. Ao longe, o som melodioso duma flauta acordonou os ecos do outeiro.

O gnomo chamou pela porta entreaberta, segurando uma candeia:

—«Podeis vir, senhora».

Apareceu a moira. Seguiu-o. Sairam a porta do palácio. A noite adormecia tudo.

—«Podeis vir sem receio. Há duas noites vim sozinho com esta candeia. A sua luz livra-nos de todos os perigos. Temos que seguir o caminho que ladeia o outeiro. Segui-me».

Em silêncio, a linda moira acompanhou o gnomo. Desceram um pouco a encosta. Pararam no meio. Levantaram uma tampa de pedra. Desceram uma escada íngreme. Tomaram um corredor subterrâneo. Andaram longo tempo. Ao fim do corredor, encontraram uma porta de grades. Com uma chave especial o velhinho abriu-a. Sairam. Fechou-a de novo. Em frente, o rio. Foi desprender um barco e nele embarcaram. O barco seguiu rio abaixo. Apearam-se. Subiram uma pequena encosta. O velho gnomo afastou algumas urzes e apontando, disse:

—«Ei-lo! Ali o tendes!»

A princesa trémula, olhou na direcção indicada.

Um pastor, sentado numa pedra, scismava. Era novo ainda. Da mesma idade dela. Nos seus olhos havia uma ternura infinita e uma vaga sombra de tristeza. De vez em quando ele levantava-se. Olhava em direcção ao palácio. Silêncio profundo. As ovelhas dormiam próximo. A serra parecia dormir também. Só ele, só ele estava acordado, pensando, triste, doente de saudades. A princesa, em cujo peito batia desordenadamente o seu coração apaixonado, afastou-se, desceu o monte, tomou de novo o barco e momentos depois entrava no palácio... No muro do jardim, a areia da ampulheta caía imperturbavelmente, caía sempre...

—«Meu bom velhinho—dizia a encantada moira ao gnomo obediente—foste o mais fiel servo de minha mãe; tens sido um dos meus melhores amigos. Contio em ti. Enlouqueço se não consigo falar com aquele a quem amo. Ele vive constantemente no meu pensamento e na minha alma. Já o som da minha harpa encantada nada pode na minha tristeza. O meu cisne negro como a noite e belo como a seda dos meus vestidos, entristece de me ver assim inquieta e deixa as águas do lago para me não abandonar. Quero vê-lo, quero vê-lo, meu bom amigo!»

E chorando, encobria com as mãos o seu rosto de marfim.

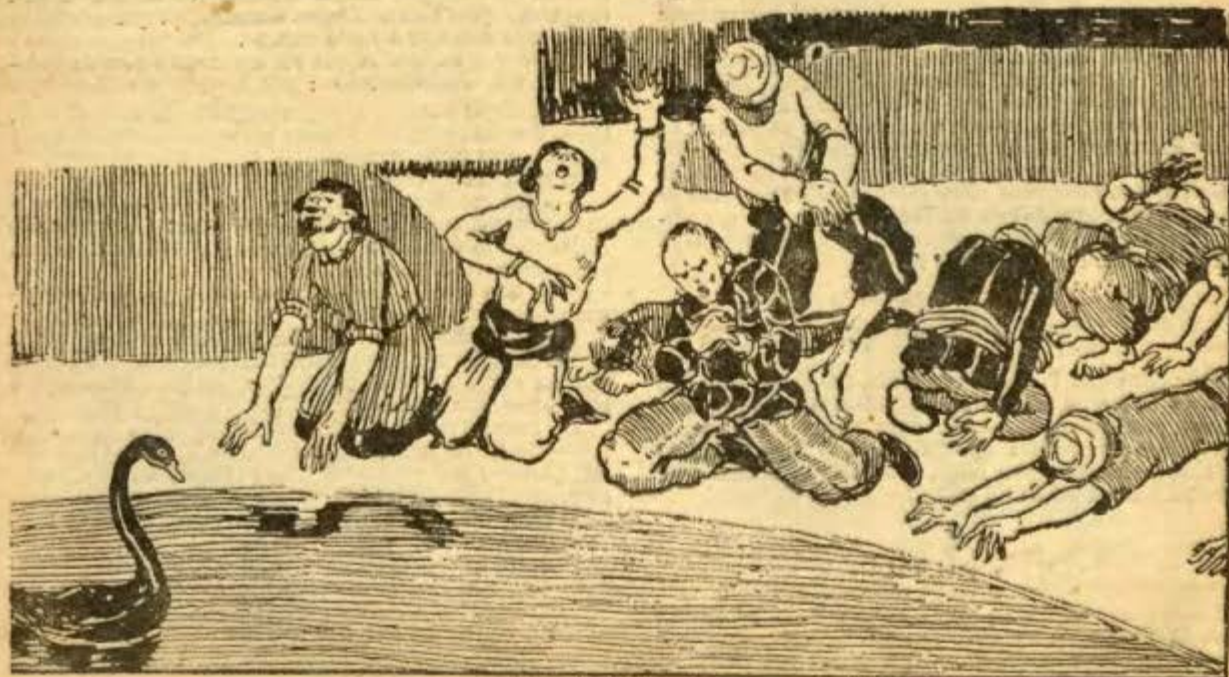
—«Senhora—dizia triste também o anão—pensai primeiro no que ides fazer. Lembrai-vos que se vosso pai o soubesse e descobrisse o mensageiro que foi buscar esse homem, não perdoaria. Conheço-o bem. O seu coração nunca perdoa».

E após uma pausa:

—«Nada receio, porém. Tenho medo de que vos aconteça alguma coisa de grave. Mas se ordenais que vá buscar aquele a quem tanto quereis, irei!»

E a moira linda, desmaiou assustada. A janela do salão abriu-se. A branca borboleta que onde quer que poisasse, tomava a cor das rosas ou dos ramos, entrou e esvoaçou na sala, indo poisar sobre a harpa adormecida.

—«Minha mãe, minha mãe,—soluçava ela,—vem poisar nos meus dedos esguios como lanças e frios como a neve. Vem dar à minha alma um pouco de alívio na sua tristeza. Desde que alguém te transformou nessa borboleta, nunca mais deixei de estar triste. Não me abandones, mãe. Dis-





seste-me que só na noite em que desgraça grande me ameaçasse, voltarias a entrar no teu palácio. Inquietas-me agora, mãe. Que me irá suceder?»

E pela mesma janela por onde tinha entrado, a berboleta branca desapareceu.

À noite, a moira tangeu na harpa a inquieta melodia de sempre. Parou e pôs-se à escuta. De longe não vinha o som da flauta do pastor amado. No coração da moira anoiteceu, então.

O cisne falou assim:

— «O cavaleiro saindo furioso do teu palácio e adivinhando quem era o dono do teu coração, matou-o!»

— «E como, meu lindo cisne, se eu não quero que ele morra, se eu pedi ao meu feiticeiro que o tornasse invulnerável?»

— «Enterrou-lhe no peito o fuso da roca daquela fiandeira que nas bandas do Oriente fiava apenas os fios do luar. Contra a ferida feita por esse fuso nada pode fazer o teu feiticeiro. E o rival do pastor bem o sabia».

— «Morto!» — balbuciou a moira — «Morto!»

Momentos depois:

— «Meu cisne amigo, nada poderá haver no mundo que o possa ainda voltar à vida? Se assim for, eu quero morrer também. Vai consultar o meu feiticeiro, cisne, vai, que o tempo corre na ampulheta do parque e eu anseio poder ouvir a sua canção dolente...»

— «Desnecessário é ir buscar o teu feiticeiro. Há apenas um meio e esse é difícil, porque o não pode ele conseguir. Só eu o sei. Contou-mo ontem uma velha rã que se abriga no meu lago. No fundo, no lodo, está escondido há muitos séculos um anel de ferro. Desde que o enfiem num dos dedos do pastor, ele voltará à vida, mas no dia em que o perder, nada o poderá salvar».

A moira, aflita, para o cisne:

— «Vai, vai depressa. Traze-me o anel. Salva-o e salva-me».

O cisne saiu em vô por uma das janelas da sala.

A moira chamou o gnomo. Disse-lhe:

— «Leva este anel. Enfia-o num dos dedos do pastor que morreu no alto da montanha. Vai depressa. Se a lua nascer antes da tua chegada já nada poderás fazer. Vai!»

O gnomo partiu levando o anel que o cisne tinha trazido no seu bico vermelho como lacre...

A moira olhava o Oriente. Súbito, momentos depois, no cimo da montanha, adivinhou-se a lua.

Inquieta, balbuciou apenas:

— «Teria chegado a tempo o meu fiel velhinho?»

Tangeu a harpa, serena e triste...

Súbito emudeceu. Os dedos frios, longos, tímidos e leves repousaram sobre as cordas, mudos e quietos...

Ao longe, uma flauta se ouvia, acordando os ecos e a montanha.

A moira demorou as mãos sobre o cisne adormecido. De novo se sentia feliz.

— «Meu pai, estou resolvida a casar com aquele que saiba humedecer as mãos no lago onde repousa, às vezes, o meu cisne negro. Doutro modo não penses em me casares. O cavaleiro que odeio recusou. Faz anunciar a minha resolução. Jura que casarei com aquele que a tal prova se sujeitar e eu serei a mais ditosa das mulheres».

— «Seja assim» — respondeu o pai altivo e tolo.

O gnomo oculto com a harpa, esperava impaciente.

Anunciada a resolução da moira que era conhecida nesse momento pela mais linda mulher do mundo, vieram de longes terras os homens mais ricos e os mais poderosos. Todos se acercaram do lago, todos tentavam mergulhar as mãos na água, todos recuaram espavoridos. A água queimava como lume. O cisne negro vogava impassível sobre ela. Um a um, aqueles que iam chegando, desistiam e tomavam de novo o caminho de suas terras.

{CONTINUA NO PROXIMO NUMERO}



SÒZINHO!...

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHO DE EDUARDO MALTA

TÁU-táu-táu...
 Na garupa
 Do seu cavalo de páu,
 Que é por sinal uma égua,
 Upa, upa!...
 Táu-táu-táu!...
 O menino,
 Sem destino,
 Caminhou já meia légua!
 Caminhou já meia légua...
 E contudo inda caminha,
 Índá galopa, galopa...
 Como um guerreiro de Athenas,
 Lá na casinha
 Da copa
 Que, entre paredes de estuque,

Tem quatro metros, apenas!
 Tuque... tuque... tuque... tuque...
 Tuque... tuque... tuque... tuque!...

Num banquinho de cozinha,
 Sobre o sobrado
 Deitado,
 A priminha
 Luizinha
 Ao lado da linda égua
 Vai de pó-pó: — pó... pó... pó!...
 Pó... pó... pó!... a buzinar!
 Também andou meia légua
 E inda tem muito que andar!

Só o priminho,

Sòzinho,
 Lá ficou,
 Por não ter em que montar!

Então, ao ver-se tão só,
 Principiou
 A chorar!
 Isto a mamã do menino;
 Preguntou-lhe: — porque chora?!...

E a fazer grande beicinho,
 Responde o menino agora:

«Pudera! Foram-se embora...
 E eu fiquei aqui sòzinho!!!»